

Urutau: ave-fantasma

Fernando Costa Straube

Mülleriana: Sociedade Fritz Müller de Ciências Naturais.

email: urutau@terra.com.br

O nome já diz tudo: uma corruptela do guarani *guyra* (ave) e *táu* (fantasma) fez "urutau", nome de uma das aves mais cultuadas na cultura do sertanejo e curiosamente pouco conhecida da maior parte do povo brasileiro.

Emblemático e misterioso, aparece em lendas, contos, poesias e no imaginário, pelo meio rural e até nas grandes cidades, onde às vezes sua presença inusitada aparece divulgada pela imprensa. Mas é, antes de tudo, um desconhecido: mais é conhecido pela fama do que pela ave em si.

Na realidade, são raras as pessoas que já viram um deles, ou que escutaram o seu belíssimo canto noturno. E menos ainda aquelas que têm conhecimento de suas estranhas adaptações, relatadas apenas em tratados científicos pouco acessíveis ao público leigo.

Já no período quinhentista, essa ave fascinante foi mencionada pelo Padre Francisco Soares¹, no clássico "Coisas notáveis do Brasil", de 1594. Também aparece em diversas outras crônicas e obras descritivas posteriores, sobre o Brasil e países vizinhos. Uma delas é o "*Libri Picturati*", série de iconografias do Período Mauriciano e a outra "*Historiae Rerum Naturalium Brasiliae*" de George Marcgrave (1648), onde o urutau é tratado por "ibijau"².

Desde então, aparece constantemente associado ao folclore nativo e, com frequência, à música popular³:

*"Queria ver se essa gente
Também sente
Tanto amor, como eu senti
Quando eu te vi em Cariri
Atravessava um regato no quartau
E escutava lá no mato
O canto triste do urutau*

*Caboca, demônio mau
Sou triste como o urutau"*

¹ A. G. da Cunha (1982). Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi. São Paulo, Melhoramentos.

² D. M. Teixeira (1992). A Fontes do Paraíso: um ensaio sobre a Ornitologia no Brasil Holandês (1624-1654). *Revista Nordestina de Biologia* 7(1-2):1-149 + anexos

³ Catulo da Paixão Cearense (1912). "Caboca di Caxangá".

E como seria de se esperar, também é lembrado na prosa sertaneja mais clássica⁴:

"O urutáo no fundo da matta sólta as suas notas graves e sonoras, que, reboando pelas longas crastas de verdura, vão ecoar ao longe como um toque lento e pausado do angelus"



OS URUTAUS

Urutau não tem só um: só no Brasil são cinco espécies, todas pertencentes à família dos nictibiídeos (em latim, Nyctibiidae) e ao gênero *Nyctibius*⁵, grupo que é restrito às regiões mais quentes do continente americano. São aves exclusivamente noturnas, dotadas de cabeça larga e achatada, bico e pernas pequenos e enormes olhos. As asas e cauda são consideravelmente longas e o corpo robusto e musculoso. A coloração, especial para a camuflagem, apresenta-se acinzentada a marrom, invariavelmente com pintalgos e manchas pretas, cinzentas e marrom-claras de vários tons, tamanhos e formas, dispersas pelo corpo, que é sempre mais escuro na região dorsal (figura 1).

De uma maneira geral, os urutaus são estranhos aos padrões com que estamos acostumados a conceber as aves. Trata-se, talvez, de um daqueles dilemas de estética: são feios pelos grandes e ameaçadores olhos, que se posicionam próximos à boca, colossalmente desproporcional ao bico. Ao mesmo tempo são bonitos pelo tanto de insólito que têm essas mesmas características. É uma verdadeira contradição de beleza que nos permite reavaliar nossos conceitos de beleza, ainda que na literatura sua feiúra seja quase unânime⁶:

"...não parecia mais a linda jandaia, e sim o feio urutáo que somente sabe gemer"

Das espécies brasileiras, a mais comum é o *Nyctibius griseus*⁷, que ocorre tanto nas florestas densas quanto nas bordas de mata, capoeiras e até mesmo em árvores isoladas das grandes cidades. Se comparado com as outras espécies, esse urutau tem tamanho médio, aproximadamente uns 40 cm e peso que varia entre 150 e 190 gramas. Distribui-se desde a Costa Rica, na América Central e por quase toda a América do Sul, com exceção das zonas mais frias da região andino-patagônica.

⁴ José de Alencar (1857). O guarany.

⁵ *Nyctibius* do grego *nuktos* = noite e *bios* = viver, ou seja, aquele que vive à noite ou - simplesmente - noctívago.

⁶ José de Alencar (1865): "Iracema".

⁷ *griseus*: do latim *griseus*, cinzento, grisalho.



Figura 1. A espécie mais comum desta família é o *Nyctibius griseus*, que ocorre desde a Costa Rica até o Uruguai (Foto: Cassiano Gatto).

As outras espécies são menos conhecidas, mas igualmente enigmáticas. Dentre elas, destaca-se a enorme mãe-da-lua-gigante (*Nyctibius grandis*⁸), com quase meio metro de comprimento total e envergadura de asas com o dobro disso, podendo chegar a um peso que supera meio quilograma. Essa ave ocorre desde a América do Norte, no México até os limites subtropicais sul-americanos (estados de São Paulo e Rio de Janeiro), sendo comum na Amazônia e no Brasil Central. Quase do mesmo tamanho é a mãe-da-lua-parda (*Nyctibius aethereus*⁹), amplamente distribuída na América do Sul e considerada rara, uma vez que foi pouquíssimas vezes encontrada pelos estudiosos.

Uma espécie menor é o urutau-de-asa-branca (*Nyctibius leucopterus*¹⁰) que, como o próprio nome já diz, apresenta uma mancha alva na base das asas, que pode ser vista quando a ave alça vôo. Vive nas florestas da Amazônia, sendo também encontrada na região nordeste do Brasil e alguns países fronteiriços. Há, ainda, o urutau-ferrugem (*Nyctibius bracteatus*¹¹) que, tal como a espécie anterior, é pouco conhecido, distinguindo-se dele pelo menor tamanho (cerca de 25 cm) e pela plumagem cor-de-

⁸ *grandis*: do latim *grandis*, grande ou "o maior".

⁹ *aethereus*: do latim *aethereus*, etéreo, celestial.

¹⁰ *leucopterus*: do grego *leukos* = branco + *pteron* = asa, ou seja, com asas brancas.

¹¹ *bracteatus*: do latim *bractea* = folha-dourada + *-atus* = portador, ou seja, portando uma lâmina cor de ouro.

ferrugem muito vistosa, pintalgada por máculas brancas. Também se distribui pela região amazônica, englobando os vizinhos Guiana, Colômbia, Equador e Peru.

De acordo com a região, os membros dessa curiosa família têm denominações diferentes. No Brasil, urutau é sinônimo de mãe-da-lua, manda-lua, ibijaú, chora-lua, preguiça, jurutau, jurutauí, urutágua, urutago, urutauí, urutavi e cacuí. Em outros países onde ocorre, o vernáculo é igualmente rico: urutaú (Argentina), guajojó, uruta (Bolívia), urutau, guaimingüe, judío (Paraguai). Em inglês, o nome genérico é onomatopéico: *potoo*.



HÁBITOS

São aves exclusivamente insetívoras, tendo especial predileção por invertebrados grandes, que compensem o gasto energético despendido para persegui-los. De comportamento calmo e observador, o urutau pode capturar grandes besouros, mariposas e outros animais, lançando-se rapidamente com vôos de assalto na direção destes, capturando-os nos troncos ou sob as folhas. Em geral prefere caçá-los em vôo, quando os apreende graças ao formato de sua boca descomunalmente grande.

Arborícolas por excelência, não descem ao solo. Pousam geralmente na ponta de troncos mortos (figura 2), parecendo um prolongamento destes, mas também em posição transversal a galhos mais grossos, hábito mais reservado ao período noturno; gostam também de estipes de palmeiras mortas e mourões de cerca.

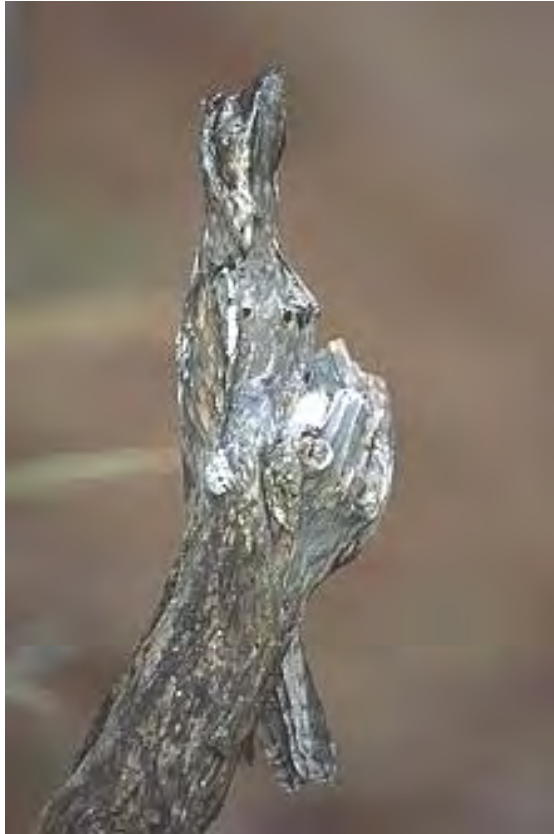


Figura 2. Um urutau (*Nyctibius griseus*) em posição característica. Horas a fio, pousado em uma ponta de galho e observando tudo que acontece ao seu redor (Foto: Haroldo Palo Júnior).

Tal como muitos outros organismos que passam totalmente despercebidos de nossa visão em plena região central das cidades grandes, o urutau também pode ser encontrado nas metrópoles. Isso mesmo! E, tal como no mato, ele confia na sua camuflagem, permanecendo estático nas árvores da arborização urbana. Ali, raramente é visto, exceto quando alça vôo, durante a noite, para se deslocar de um local a outro ou simplesmente para caçar os grandes insetos que lhe aparecem à frente. Nessas situações, abre as asas e assume um deslocamento errante, porém decidido, sendo possível notar a longa cauda auxiliando o ziguezaguear por entre as árvores e postes de iluminação. Também na mata seu comportamento é esse, mais parecido com um fantasma grisalho de vôo silencioso como o das corujas:

"De noite, carecia de se acender maiores fogueiras, porque do cheio oco do escuro podia vir cruzar permeio à gente algum bicho estranhão: formas de grandes onças que rodeando esturravam, ou a mãe-da-lua, de vôo não ouvido, corujante..."¹²

Não constroem ninho. Tudo o que fazem, no período de reprodução, é depositar um único ovo em alguma forquilha de galho grosso a grande altura ou numa cavidade natural de seu poleiro noturno, onde permanecem em atividade de choco. O ovo é esbranquiçado com pequenas manchas cinzento-violáceas e pardacentas, e mede aproximadamente 4,0 x 2,5 cm (figura 3).

Demora cerca de um mês para ser devidamente incubado e dele sai um filhotinho quase todo coberto de fina e macia penugem branca, com algumas manchas mais escuras (figura 4). Logo após o nascimento, o pequeno urutau precisa aprender que a magnífica camuflagem de seu corpo não basta para sua defesa. A imobilidade faz parte da arte de se ocultar. Assim, agarra-se firmemente ao poleiro, raramente se movendo e ficando, assim, parecido com um pedaço apodrecido de galho.

Com o tempo, o jovem vai adquirindo uma cor mais escura (figura 5) e as penas das asas e cauda acabam por se desenvolver por completo após cerca de 50 dias (figura 6). Trata-se de um dos períodos mais longos entre a desova e o abandono do "ninho" dentre todas as aves da América do Sul, o que pode ser interpretado como uma comprovação da eficiência de sua capacidade de camuflagem (Sick, 1997).

¹² João Guimarães Rosa (1956): Grande Sertão: Veredas



Figura 3. Camufladamente pousado na ponta de um tronco seco, o urutau (*Nyctibius griseus*) esconde o ovo por debaixo de seu corpo, mantendo-o sustentado por uma depressão da casca. (Fotos: Pedro C. Lima).



Figura 4. Desde filhotinho, ainda com "roupa de algodão", o urutau já se aproveita de sua camuflagem. E, imitando os pais, adota a postura característica de sua espécie.



Figura 5. Adulto e filhote cuidadosamente camuflados, parecendo dois prolongamentos - um mais escuro, outro mais claro - de uma ponta de galho. E quanto mais se desenvolve, mais fica protegido pela coloração, que agora mescla o branco com o marrom, cinzento e preto (Fotos: Pedro C. Lima).



Figura 6. O urutau, já "adolescente". A cada dia torna-se mais parecido com os pais, graças às sucessivas mudas de plumagem.



BOCA E BICO

Um assunto interessante, lembrado sempre que se fala de urutaus, é a relação entre boca e bico, aspectos que em geral são tidos como sinônimos, mas que, para essas aves, se distinguem bastante. O bico do urutau é, tal como nas outras aves, um apêndice córneo que se forma encapsulando o osso maxilar. Nessas aves, porém, ele é extremamente desproporcional ao tamanho da boca, uma vez que é muito pequeno, enquanto essa é enorme, lembrando a de um grande sapo. Numa mãe-da-lua-gigante (*Nyctibius grandis*), por exemplo, o bico chega a dois centímetros ou pouco mais, enquanto sua boca - aberta - pode alojar um punho cerrado de um homem chegando, portanto, a quase oito centímetros de diâmetro.

Trata-se de uma conformação especialmente prática, utilizada com propriedade por estas aves quando caçam grandes insetos em vôo, aumentando consideravelmente a área da bocada. E há outras utilidades nessa enorme boca: quando a ave é capturada viva, a boca é utilizada como mecanismo de defesa. Ainda que possuam bicos frágeis e sem qualquer possibilidade de causar ferimentos à pele de animais grandes, o efeito ameaçador da boca rapidamente aberta de um urutau pode causar um grande susto ao predador que o aprisionou.

Além disso, ela parece ter uma grande importância no controle da temperatura interna do animal: "A pele da boca é ricamente vascularizada e serve à termorregulação quando a ave está em pleno sol no poleiro diurno, o que acontece frequentemente; nessas ocasiões, a ave, com o bico constantemente um pouco aberto, ofega descarregando o calor excessivo pela grande superfície do sistema vascular da garganta", ensina Sick (1997).



OLHO MÁGICO

Urutaus têm invariavelmente olhos enormes (figura 7). Afinal, grandes globos oculares têm muita utilidade para animais de vida noturna, pois favorecem uma considerável entrada de luz no cristalino, permitindo que as imagens sejam muito mais facilmente divisadas em momentos de escuridão.

Entretanto, não é apenas essa característica que chama a atenção nessas aves. Uma das adaptações mais curiosas encontradas na avifauna brasileira está no fato deles poderem enxergar tudo o que se passa nas imediações de seu poleiro, mesmo estando com os olhos fechados!

Essa característica foi descoberta em 1940 pelo ornitólogo Helmut Sick, ao notar que "*...quando fecha os olhos notam-se, em sua pálpebra superior, duas incisões (...) ou fendas pelas quais a ave é capaz de observar os arredores de 'olhos fechados', isto é, sem abrir as pálpebras; têm, pois, o efeito de um 'olho mágico'*" (Sick, 1997)". Tal detalhe (figura 8) não é conhecido em nenhuma outra ave e torna-se ainda mais útil para sua já eficiente camuflagem se considerarmos que "o bulbo saliente do olho e a

arrumação compacta das penas acima dele permitem a visão para cima e para trás, sem necessidade de mexer a cabeça" (Sick, 1997).



Figura 7. O enorme globo ocular do urutau (*Nyctibius griseus*) é uma importantíssima adaptação à visão, facilitando o desempenho de seus hábitos notívagos. (Foto: Nelson Pérez).



Figura 8. A mãe-da-lua-gigante (*Nyctibius grandis*) ao ninho com um filhote, sendo possível notar as duas pregas da pálpebra superior, que consistem de seu "olho mágico". (Foto: Haroldo Palo Júnior).



O CANTO

O canto do urutau é uma das manifestações sonoras mais impressionantes da região neotropical. Consiste de três, quatro, cinco ou mais notas, sempre decrescentes, que são emitidas enquanto a ave se posiciona com as asas semi-abertas e a cabeça voltada para baixo, a qual é movimentada de um lado para o outro lentamente, acompanhando o ritmo. O canto, por si só, já é plangente. Fica ainda mais parecida com uma manifestação de tristeza quando é possível observar também esse comportamento.

De fato, nas noites silenciosas da mata, quando o muito que se ouve é o cricrilar dos grilos, o canto do urutau se destaca. E, pelo timbre, associa-se a um lamento compreensivelmente inspirador de tantas lendas a seu respeito. Depois que canta, parece que nada mais se ouve, ficando nossos ouvidos hipnoticamente atentos ao estranho repertório, aguardando nova estrofe.

"Vamos dormir numa praia bem espaçosa e tudo é silêncio à nossa volta. Apenas, de onde a onde, ouve-se o grito de um urutau"

(G. Cruis, 1930: A Amazônia que eu vi)

"Todo o mundo dormindo. Só o chochôrro mateiro, que sai de debaixo dos silêncios, e um ô-ô-ô de urutau, muito triste e muito alto"

(J. Guimarães Rosa, 1956: Grande sertão: Veredas)

É Rodolfo von Ihering (1968) que nos traz mais detalhes: "O canto dessas aves noturnas, entre melancólico e fúnebre, é considerado poético, por uns, agoureiro por outros; sem dúvida impressiona fortemente quando, alta noite, ressoa sonoro na mata". E adiciona detalhes sobre as notas musicais:

"...talvez: dó - sol - mi bemol - dó, tão harmônicas na afinação e no volume, que imitavam perfeitamente um oboé; jamais êsses sons nos passarão da memória, lembrando a mais impressionante voz noturna que nos foi dado ouvir em plena natureza".

Objeto do folclore e do imaginário, o canto do urutau é lembrado também por suas características; uma delas é o formato estranho dos pés, altamente adaptados -

parecendo mesmo deformados - e que servem muito bem para a fixação, enquanto permanecem agarrados nos poleiros verticais¹³:

A "Mãe-da-lua" ou "Vó-da-lua", ave noturna, a despeito de sua avançada idade, de respeitável matrona que é, guarda ainda muita vaidade. Inconformada com a deformação dos seus pés, canta, compassadamente, esta lamentação que cena nas matas, na calada da noite: - Meus pés tão feios!...

Bem da verdade, são inúmeras as interpretações do canto dessa ave, em geral motivadas pelo impulso mítico, mas também pela tentativa de pôr-lhe palavras no bico¹⁴:

*Já não gosto de falar
Pela saudade que traz
o canto da mãe da lua
tem lá seus prantos e ais
quando ouço ela cantando
penso estar pronunciando:
"Gonçalo foi não veio mais"*



CAMUFLAGEM

A característica mais marcante do urutau é a camuflagem. E, obviamente, os artifícios a que se lança para se esconder. Para começo de conversa ele não gosta muito de empoleirar-se como as outras aves, daquele jeito transversalmente ao poleiro. Até faz isso, dependendo da situação ou dos tipos de poleiros disponíveis em seu hábitat (figuras 5 e 6). O urutau gosta mesmo é de ficar na ponta de um tronco morto, de preferência que tenha largura parecida à de seu corpo, onde possa apoiar confortavelmente as asas e recostar a cauda.

Mas não é qualquer tronco que serve para ele: tem de ter uma casca rugosa e, de preferência, cheia de líquens, musgos e outros detalhes que lhe deixam ainda mais escondido. Parece mesmo um prolongamento da madeira apodrecida, situação que lhe é ainda mais favorável por causa do formato de sua cabeça, cujo bico é pequeno e praticamente afasta-se da convencional silhueta de uma ave.

Qualquer um que passe pelo tronco não o verá ali, mesmo que esteja exposto ao sol mais claro do meio-dia. Normalmente acaba flagrado apenas porque alguém mais atento notou que "o pau se mexia" ou, eventualmente, durante o bocejo. Via de regra,

¹³ Carvalho Deda (1967: "Brefaias e burundangas do folclore sergipano") In: URL: <http://jangadabrasil.com.br>, edição nº 38, outubro de 2001.

¹⁴ Zezé do Valle ("Filho do Ypu"), poesia regionalista do Ceará. In: URL: <http://www.citybrazil.com.br/ce/ipu/persona.htm>

porém, pouco se move durante o dia, ainda que permaneça à espreita, pronto para fugir frente a algo que julgue como uma ameaça.

Trata-se de um mestre na camuflagem. E algo sobre esse assunto deve ser lembrado: não vamos confundir camuflagem com mimetismo, como tantas vezes se vê por aí. O primeiro é o que nos traz de exemplo o urutau, as borboletas que têm a mesma cor do substrato em que pousam e todos os animais cuja cor se confunde com a do hábitat. Nada mais é do que uma adaptação do animal para se esconder em seu ambiente. Já o mimetismo envolve modificações evolutivas complexas: é o fenômeno que é observado quando um animal é muito parecido a outro, mostrando uma convergência em padrões de coloração, forma, som e até odores.



Figura 9. Onde está o urutau? Além da postura tradicional, quando se empoleira na ponta de um tronco oco, essa ave também pode assumir outros tipos de posição, visando a mais perfeita camuflagem. (Foto: Ronald Rosa).



Figura 10. O urutau também pode ser visto empoleirado transversalmente ao galho, tal como as outras aves o fazem. Nessa posição também ficará camuflado (Foto: Guto Carvalho).



Figura 11. São verdadeiros mestres em camuflagem! Na foto, uma mãe-da-lua-gigante (*Nyctibius grandis*) em seu poleiro. (Foto: Pedro C. Lima).



AS LENDAS DO URUTAU

O urutau é um importante representante do folclore da nossa avifauna. São inúmeras as lendas que giram a seu respeito, principalmente no Brasil Central, leste do Paraguai e nordeste da Argentina, movidas pelas características peculiares dessa ave fascinante.

Vem de André Thevet, cronista francês (1503-1592), uma breve descrição de seu valor mítico entre o povo brasileiro, transcrito por Nomura (1996):

"Entre todas as aves da terra, existe uma que os selvagens não matariam nem mesmo feririam por nada deste mundo [...]. Dizem as pobres criaturas que esse canto lhes faz recordar os entes queridos que se foram. Este pássaro seria um enviado dos mortos, trazendo boa sorte para os amigos que ainda viviam e azar para seus inimigos".

Já a lenda mais conhecida é sobre Nheambiú, filha do poderoso cacique guarani que submetera todas as demais tribos, na região do Iguaçu:

Nheambiú havia se apaixonado por Cuimbaé, jovem guerreiro de outra tribo, feito prisioneiro por seu pai.

Por questões de honra tribal e ordem do cacique, não poderia encontrá-lo e, por esse motivo, passava seus dias chorando em silêncio, no escuro de sua casa, padecendo pela infinita mágoa de um amor sem esperanças.

Certo dia, cansada de sofrer, Nheambiú voltou a recorrer aos seus pais, implorando para que pudesse se casar com Cuimbaé, recebendo uma negação para o pedido, junto à explicação de sempre:

- Cuimbaé pertence a uma tribo inimiga da nossa e por isso jamais permitiremos esse casamento!

Julgando insuportável a sua dor, Nheambiú fugiu para a mata, desaparecendo por vários dias, sem dar notícias. Por causa disso, o velho cacique ajuntou seus guerreiros e partiu em busca da filha.

No segundo dia de buscas, obrigando-se a atravessar a densa floresta, encontraram Nheambiú, mas ela estava imóvel sentada sobre um tronco grosso, sem emitir som algum, olhando fixamente para a luz prateada da lua cheia. Ao percebê-la nesse estado, o cacique mandou chamar o pajé que disse:

- Nheambiú perdeu para sempre a sensibilidade e a fala; apenas uma grande dor a reanimará!

Com isso, todos se reuniram ao redor da jovem índia e passaram a anunciar a morte de várias pessoas amigas, inclusive entes da família e até mesmo seus próprios pais, sem qualquer sucesso. Com isso, o pajé adiantou-se e, pausadamente, disse a ela:

- Cuimbaé acaba de ser morto!

Imediatamente o corpo da moça se agitou num estremecimento sem igual, passando a soltar repetidos lamentos e, em seguida, desapareceu por completo na mata, transformando-se em um urutau, a voar errante por entre as ramagens. Para nada mais precisaria de sua beleza, por isso havia se convertido em um ser de feiúra indescritível. Fôra condenada, definitivamente, a empoleirar-se na ponta de um tronco morto como suas esperanças. E dali, olhando fixamente para a lua cheia, passaria todos os seus tempos seguintes a cantar sua tristeza pela desventura de seu amor.

Essa lenda, aqui recompilada e adaptada de várias fontes (p.ex. Veríssimo, 1886; Santos, 1979; Cascudo, 1993; Nomura, 1996), é a mais famosa que se conhece sobre o urutau. Encontra-se amplamente divulgada no sul do Brasil e áreas fronteiriças do leste do Paraguai e do nordeste da Argentina, nas províncias de Misiones e Corrientes. Outras variações, sempre girando em torno do amor impossível, também são mencionadas na literatura e música folclórica¹⁵.

*Urutau canta de noite
Afastando a escuridão
Canto-aviso pra morena
Serenata do sertão
Cunhantã esperançosa
Vê nascer sua paixão*

*Mãe-da-lua encantada
Diz a crença popular
Tuas penas têm magia
O teu canto traz luar
Quem possui tal simpatia
Faz o coração amar*

[...]

*Muirapuamas, iraras
Pakaas-nova, cuniã
Timbós, matintas-pereira
Seringueiros, Tarumã
Nas profundezas da mata*

¹⁵ "Urutau" (Paulinho Rodrigues), música regionalista amazônica.

Urutau é guardiã

Outra delas, contada por Eurico Santos (*in* Nomura, 1996), tenta explicar porque o urutau segue, com os olhos, o percurso da lua no céu:

"Um índio, Youma, descobre que sua noiva, em segredo, ama o jovem Marramae, a quem procura e lhe tira a vida. Marramae é transformado em Sol e a noiva da Youma em Lua e ele, por sua vez, na ave que chamamos de urutau. Por esse motivo passa a vida no extremo dos mais altos ramos das árvores, mirando o céu para acompanhar, com os olhos, a sua amada transformada em lua. Cheio de desespero, solta para o silêncio da noite aqueles gritos aflitivos e pungentes que enchem as matas de pavor".

Uma outra fábula, dessa vez contada pelos Pataxó (sul da Bahia e norte de Minas Gerais) assume uma conotação cômica, ainda que rica em aspectos que apenas os mais observadores podem perceber (p.ex. a coloração dos bacurais, a enorme boca da mãe-da-lua, a vocalização de ambas as espécies, etc):

A Mãe-da-Lua e o Bacurau

O Bacurau era um rapaz caipira e muito tímido, gostava muito de caçar à noite. Um dia, andando pela floresta, encontrou uma moça muito bonita, a Mãe-da-Lua.

Iniciou-se um diálogo entre ambos, e conversa vai, conversa vem, ele disse para ela:

- *Você quer casar comigo ?*
- *Quero sim. Respondeu a Mãe-da-Lua*
- *Pois vamos nos arrumar. Com trinta dias, nós casamos.*
- *Tudo bem. Disse a moça.*

Por ser um rapaz pobre, teve que tomar um terno emprestado para o casamento. Pediu uma pena emprestada de cada passaro e, trinta dias após, estava tudo pronto para o casamento. O Bacurau convidou o Veado para fazer o casamento e todos os outros bichos para a festa que seria realizada. O Veado declarou-os casados e disse:

- *Agora podemos ir para o jantar e logo mais dançaremos um forró.*

Quando estavam todos assentados à mesa para o jantar, o macaco, muito gracioso, contou-lhes uma piada e todos riram muito. A Mãe-da-Lua abriu uma boca tão grande para rir, que o noivo Bacurau ficou assombrado e fugiu para a floresta. A noiva, percebendo que o noivo não voltaria mais, resolveu partir para a sua velha morada, onde até hoje canta:

- João foi, foi, foi, foi...

E ele constantemente responde:

- Amanhã eu vou, amanhã eu vou...

Como não devolveu o terno que tomou emprestado aos outros pássaros, não pode mais sair de dia.

Graças a tanta participação no folclore autóctone, as penas desta ave passaram a ter valor simbólico em algumas regiões do Brasil, apropriando-se do significado de amuleto, utilizado - em geral - para assuntos passionais. "Com as penas do urutau, em algumas regiões da Amazônia, costumam varrer o chão sob a rêde da noiva, a fim de preservar a futura espôsa das seduções e faltas" (J. Veríssimo *apud* R. von Ihering, 1968) e adiciona-se: "a fim de que elas sejam honestas, fiéis aos maridos e boas mães" (Moraes, 1931 *apud* Nomura, 1996).

Quase o mesmo pode-se dizer para o corpo mumificado do urutau: "Antigamente matavam uma destas aves e tiravam-lhe a pele, que, sêca, ao sol, servia para nela assentarem as filhas, justamente nos primeiros dias do início da puberdade. Parece que essa posição era guardada por três dias, durante os quais as matronas da família vinham saudar a môça, como apta para ser mãe, aconselhando-a a ser honesta; ao fim do curioso tríduo a donzela saía 'curada', isto é, invulnerável à tentação das paixões desonestas" (R. von Ihering, 1968).

Agradecimentos: Aos vários amigos que colaboraram com a preparação desse texto, bem como aos autores das fotos que o ilustram: Cassiano A. F. R. Gatto, Haroldo Palo Júnior, Guto Carvalho, Ronald Rosa, Nelson Pérez, Thiago V. V. Costa e, especialmente, a Pedro C. Lima. Sou grato também a Paulo Bagdonas, que colaborou com a lenda dos índios Pataxó e a Renato Silveira Bérnils pela cuidadosa revisão dos originais

Referências bibliográficas e fontes de consulta

- Cascudo, L. da C. 1993. **Dicionário do folclore brasileiro**. Belo Horizonte, Editora Itatiaia. 811 pp.
Ihering, R. von. 1968. **Dicionário dos animais do Brasil**. Brasília, Editora Universidade de Brasília.
Nomura, H. 1996. **Avifauna no folclore**. Mossoró, Fundação Vingt-Un Rosado. Coleção Mossoroense, Série C, volume 903. 153 pp.
Santos, E. 1979. **Da ema ao beija-flor**. Belo Horizonte, Editora Itatiaia. 396 pp.
Sick, H. 1997. **Ornitologia brasileira**. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira. 862 pp.